

# Da esperança, da dimensão constitutiva do sujeito nas temporalidades e do atual na clínica psicanalítica<sup>1</sup>

Bernardo Tanis,<sup>2</sup> São Paulo

Resumo: Este trabalho busca identificar vetores representativos das principais abordagens sobre as temporalidades no pensamento clínico em psicanálise. Amplia a reflexão sobre as relações entre tempo, história, memória e simbolização presentes na psicanálise contemporânea. O autor argumenta que a esperança emerge na medida em que o sujeito se reconhece como constituído pelas diferentes temporalidades que o habitam. Assim, propõe que o manejo clínico da esperança se baseia na escuta atenta da narrativa do paciente, na identificação transferencial das temporalidades que o constituem e na criação de um espaço no qual o paciente possa se reconhecer como autor de sua própria história. A sensibilidade aos diferentes tempos da clínica permite uma articulação do traumático numa rede de simbolização, resgatando pela experiência o valor do tempo e da história como elementos estruturantes da subjetividade.

Palavras-chave: esperança, trauma, simbolização, temporalidade, transferência

Em uma *Weltanschauung* marcada pela concepção cíclica do tempo – na qual era soberana a ideia do destino, personificado nas figuras das Moiras –, não havia espaço para se falar em esperança. (Rocha, 2007)

- 1 Este texto é uma releitura (a partir da proposta da equipe editorial do *Jornal de Psicanálise*: Há esperança?) do trabalho apresentado no Primeiro Encontro Interfederativo da Fepal 2018: Manejo clínico das temporalidades: enquadre interno do analista.
- 2 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e docente do Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Doutor pelo Núcleo de Psicanálise da PUC-SP, ex-presidente da SBPSP.

Em um interessante texto Janine Puget (2005, p. 297) retoma as ideias de Agamben, em *Infância e história* (2005), e Deleuze, em *Lógica do sentido* (1969/2005), cada um a seu modo, e procura discriminar o significado das diversas temporalidades na constituição da história, dos mitos, dos relatos, das vivências, da cultura, logo, do sujeito.

Destaco a ideia sugerida por Agamben em *Infância e história* (2005): ele propõe ali que toda cultura é primeiramente uma certa experiência do tempo, e uma nova cultura não é possível sem uma transformação dessa experiência. Reconhecemos aqui uma *ontologia não essencialista* que estabelece o tempo como mote central do que podemos conceber enquanto vir a ser de uma cultura, de um devir em processo, no qual a temporalidade aloja o sujeito de uma época, e este encontra sua morada na força transformativa que o constitui.

Seguindo na trilha aberta por Puget (2005), podemos reconhecer diferentes perspectivas temporais na experiência do sujeito:

Chronos, uma das ideias em torno do tempo, sofre transformações ao longo da história, do tempo circular, mítico, como apreendido pelos gregos, para o tempo linear, com um início e um fim, tempo judaico-cristão, da criação divina como origem indo até a redenção final, com a vinda do Messias ou do Apocalipse. Esse tempo linear, porém, também foi esvaziado de seu componente místico-religioso e é objeto de outra mutação para o tempo linear do trabalho, uniforme, perde a dimensão subjetiva, vira o tempo do relógio, tempo monetizado na modernidade industrial. Tempo vazio, tempo da rotina e da máquina, em andamento desde a Revolução Industrial e que mais recentemente se acelera vertiginosamente, com a nanotecnologia, a onipresença absoluta da informação, o encurtamento das distâncias, na dita pós-modernidade.

Aión, outra perspectiva temporal, uma temporalidade do instante, do presente absoluto, tempo da ruptura, *do acontecimento*, como assinalado pelo filósofo Alain Badiou, que abre a bifurcações infinitas e imprevisíveis, seja do traumático ou do transformativo.

Kairós, por sua vez, a terceira modalidade temporal para os gregos (sempre eles!), nomeava uma temporalidade que concerne ao momento justo, sempre singular, único e preciso.

Precisamos acaso demonstrar como essas diferentes noções do tempo nos constituem como sujeitos? Quem, a não ser movido por uma fé essencialista e transcendental, reivindicaria uma perspectiva absoluta para o tempo

e uma verdade universal e imutável sobre o sujeito e seu modo de advir e se experimentar no mundo?

Ora, talvez possamos sustentar a hipótese de que as noções de temporalidade, dialeticamente compreendidas pela filosofia e pela psicanálise (como veremos adiante), possam ser uma das chaves nas quais alojar a esperança.

Isso já tinha espaço nas perspectivas religiosas, na fé sustentada pela palavra de Deus, que dá aos que creem “a certeza das ‘coisas que não se veem’, mas a realização plena dessa promessa só se fará no fim dos tempos” (Rocha, 2007, p. 257). Cabe aprofundar como no contexto da complexidade das temporalidades acima citadas e da complexidade das temporalidades para a psicanálise (Tanis, 2013) criam-se as condições para uma esperança na qual a noção do divino não seja sua causa primeira (Aristóteles).

Para Rocha, a esperança tem um papel constitutivo na dinâmica da temporalidade humana, especialmente quando esta, à luz da visão heideggeriana do tempo, pode ser considerada um elemento constitutivo do próprio existir do homem no mundo. Ainda mais se somamos aqui as ideias de Agamben e Deleuze, assinaladas acima, quando então podemos sustentar a potência heurística de associar temporalidade à esperança, numa vinculação dialética.

Uma breve digressão filosófica pode estimular-nos no caminho psicanalítico que vamos logo mais empreender. Para Rocha, no texto em que vimos nos inspirando, o filósofo Heráclito de Éfeso nos leva a pensar a esperança sob a forma de uma “disposição interior”, ou de uma “força psíquica”, que sustenta o desejo de caminhar. Nesse sentido, a esperança só se concebe enquanto sustenta o desejo de ir na direção de um objeto que não temos e que, se o tivéssemos, extinguiria o próprio *élan* da esperança.

Nesse contexto, dirá Rocha (2007):

a esperança, filosoficamente considerada, poderia ser comparada àquele princípio de atualização que Aristóteles atribuiu ao ato-enérgia, enquanto princípio ontológico da constituição do ser, vale dizer, como princípio capaz de atualizar as possibilidades existenciais em um processo de atualização, que, por estar sempre em movimento, não termina nunca de se atualizar. Diferentemente do ato-enteléquia, cujo *télos* se obtém na constituição de um objeto determinado, o ato-enérgia, enquanto existir movimento (tempo), não termina nunca de se atualizar no processo de atualização das possibilidades ou potencialidades de nossa existência. (p. 259)

O tempo presente também não se restringe a um simples agora. Na dinâmica da temporalidade humana, para Z. Rocha, que estamos acompanhando, o presente é um *Gegenwart*, vale dizer, uma força de atualização, em que se misturam as forças ativas do passado – que, enquanto passado, geralmente resistem ao que é novo, e isto é o que, na palavra *Gegenwart*, indica a preposição *gegen*, que quer dizer “contra” – e as forças do presente, que se projetam para o que se espera depois, para o que está por vir, como indica o verbo *warten* (esperar). Portanto, no instante do nosso presente, há uma luta entre o que se impõe como novidade às forças do já constituído e uma abertura para o futuro, na qual se projeta o que se espera, o que está por vir (*Zukunft*), mas que já está presente como projeto. Desse modo, na dinâmica do tempo presente concentram-se o vigor do ter sido (o passado) e o que “está por vir” (o futuro), e, na tensão dessas duas forças contrárias, forma-se a dialética do instante da decisão, mediante o qual o homem assume, ou recusa, o projeto existencial que o define como ser no mundo. E Heidegger adverte que, nessa decisão, o *Dasein* ou se assume como projeto, ou se perde no anonimato de uma existência inautêntica.

Se a esperança é um elemento constitutivo do existir humano no tempo, pois é ela que sustenta a abertura para o futuro do vir a ser que nós somos, e é ela que nutre a nossa capacidade de sonhar e de caminhar, sem o que viver seria “uma paixão inútil”. É indiscutível que o *Gegenwarten* comporta a dimensão histórico-traumática da constituição subjetiva, do encontro com o outro, o não Eu, que imprime marcas no sujeito. Será das condições de possibilidade de uma apropriação subjetiva (Roussillon), de uma transformação dessa condição traumática que a dimensão pulsional de Eros alimentará no Eu os recursos e a capacidade de sonhar um *Zukunft* (futuro possível). Mas ao mesmo tempo essa transformação se faz possível quando a semente da esperança, mesmo que desacreditada, ainda encontre um outro no qual precariamente possa se alojar. Vejamos, agora, as ressonâncias que esses elementos de uma possível filosofia da esperança podem ter sobre a teoria e a clínica psicanalíticas.

O título proposto para este trabalho, “Da esperança, da dimensão constitutiva da temporalidade no sujeito e seu manejo clínico”, é amplo, mas espero permitirá, a partir da introdução acima, estabelecer uma ponte entre os três eixos que o compõem e talvez possa ter uma função heurística e estimulante em face dos desafios da clínica atual. Desafios com os quais nos confrontamos hoje e, acredito, nos acompanharão nas próximas décadas.

A psicanálise é una e múltipla ao mesmo tempo, é necessário desapegarmo-nos da tirania das essências para sermos capazes de respeitar sua multiplicidade de referenciais teóricos, formas e dispositivos, enquadres e estilos. Se pudermos pensar e nos aproximar das ideias de escuta e enquadre interno do analista, talvez possamos como analistas contemplar uma esperança em face da complexidade dos tempos subjetivos e culturais.

A riqueza da psicanálise reside, entre outras propriedades, em sua permanente abertura para as singularidades. A tensão entre os sistemas teóricos mais consolidados e o específico de cada configuração psíquica, assim como aquela entre a técnica tida por alguns como clássica e as particularidades de cada processo analítico, longe de apontarem uma fragilidade epistemológica, são testemunho de um método original de abordar o mal-estar do sujeito, seu sofrimento, no contexto dos múltiplos discursos sobre o psíquico.

As configurações psíquicas são variadas, e o mutante contexto socio-cultural, lembremos a tese de Agamben acima citada sobre as temporalidades, demandam um manejo original de cada clínica.

Temos certeza de que o movimento que se origina da diversidade de posturas poderá se constituir em estímulo visando à reflexão em torno de sua própria experiência. Acredito na necessidade de ampliar esse debate sobre essa matéria que, sem lugar a dúvida, diz respeito ao futuro da psicanálise. A diversidade das intervenções e dispositivos clínicos, seja nos consultórios ou instituições, em seu desenho e construção que implementamos na singularidade de cada vínculo paciente-analista, tem conduzido analistas em diferentes latitudes a expandir o espectro das variantes de intervenção psicanalítica.

Tal situação nos põe em face da necessidade da reflexão sobre o enquadre ou moldura da situação analítica, na medida em que esta deixa de ser um elemento fixo e constante e pode mudar conforme diferentes contextos vinculares e configurações psíquicas. Isso se levamos em consideração que coexistem as diferentes modalidades de temporalidades acima destacadas. *E caberá ao analista estar atento, não apenas a uma linearidade temporal que vise domesticar ou simbolizar um passado encriptado, mas também alojar os anseios informes de um devir cujas possibilidades possam se ver estranguladas, coartadas, não apenas pela força do recalque ou das defesas mais arcaicas, mas também por uma dimensão traumática histórica e a sua vez atual que petrifica o movimento das temporalidades que esmagam a capacidade de representar-se com sujeito potente no contexto de sua existência concreta.*

Assim como nos anos 1960 os trabalhos de Bleger inauguraram a reflexão sobre os aspectos simbióticos depositados no enquadre, novas e importantes contribuições foram feitas ao tema por autores como Winnicott, W. e M. Baranger, J. L. Donnet, J. Laplanche, A. Green, R. Roussillon. Mais adiante retomarei essa questão.

Penso que o *atual* (tema do Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa em 2014) como interpretante e elemento gerador de reflexão pode ser extremamente interessante e oportuno para jogar luz sobre a dimensão do enquadre, da temporalidade e da esperança na clínica que praticamos.

Caracterizemos alguns aspectos da polissemia à qual o *atual* nos remete:

- a. Podemos em primeiro lugar tomar o *atual* associando-o à ideia inicial de Freud sobre as neuroses atuais, nas quais os sintomas não serão, desde sua primeira formulação, uma expressão simbólica, assim como os desencadeantes não seriam de origem psíquica, mas sim estariam relacionados aos processos somáticos com a ausência de representação.
- b. Isso também nos remete para a “realidade” no tempo, atualidade, algo de hoje e não de ontem ou de amanhã. Nesse sentido, a abordagem do *atual* está muito mais próxima do que é apresentado (*Darstellung*) do que da representação (*Vorstellung*). Algo do impacto direto da vivência e da percepção, em vez da experiência (ver Tanis, 2013). Algo que faz traço, marca, pegada. Está mais próximo da matéria-prima, menos filtrada ou decantada. A dimensão traumática, não representada, parcialmente simbolizada, do *atual* é insinuada aqui e domina muito da clínica psicossomática e da clínica do traumático.
- c. Isso, sem dúvida, nos remete a outro viés do *atual*, no sentido de atualidade no tempo histórico de um mundo em mutação,<sup>3</sup> no momento do desenvolvimento econômico e cultural em que vivemos. Pensar seu impacto nos processos de subjetivação e, conseqüentemente, nos desafios que hoje se apresentam para a

3 O desconforto contemporâneo tem sido objeto de inúmeros estudos em que se tenta elucidar as mudanças que ocorrem na subjetividade humana, principalmente devido à nova fase do capitalismo chamada de globalização, e a sua correlação é a modernidade do pós-moderno, a pós-verdade... (Muitas dessas obras, como as de Jameson, Giddens, Lipovetsky, Debord, Bauman, mediram a frescura da denúncia, do aviso do primeiro diagnóstico.)

psicanálise e os psicanalistas foi o tópico discutido no Congresso da IPA Boston sobre as novas ferramentas do analista. Procuramos uma clínica que acolha essas transformações e as diversas modalidades de sofrimento, aprimorando as ferramentas metodológicas para enriquecer nossa prática e reflexão crítica.

- d. O *atual* também pode se aproximar da sensação de opacidade a que Agamben (2009) se refere quando fala do contemporâneo, denunciando a ilusão de estar em uníssono com seu tempo.
- e. Por outro lado, na clínica, o que é *atual*? O vigente, o presente. Ao lado do aqui e agora, evoca a repetição, o tornar presente, a vigência do infantil!
- f. Podemos vincular o *atual* ao ato, ao *Agieren* de Freud, à passagem ao ato, ao *agieren* e ao *enactment*, do qual tanto falamos hoje, gerando interessantes reflexões e debates.
- g. Acrescento aqui a ideia filosófica do presente como *uma força de atualização* cuja conexão com a esperança/projeto pode ser destacada, como indicamos no início do texto inspirado pelas ideias de Rocha.

A reflexão se expande e deixo em suspenso algo aqui vinculado ao modelo regressivo do sonho e ao modelo do ato, nos quais os registros temporais podem operar de modo diverso, como veremos.

Então, se o assunto do tempo na psicanálise já é rico e complexo, pô-lo, a partir do *atual*, em perspectiva com a ideia de projeto/esperança, as múltiplas temporalidades e com o enquadre, não deixa de ser ambicioso, pois penso que a dimensão *atual e do atual* nos traz renovadas e complexas interrogações.

Não cabe no contexto desta breve apresentação traçar as transformações significativas que o enquadre analítico sofreu. Procuro resgatar alguns aspectos que dizem menos respeito à sua configuração formal, objeto de tantas polêmicas desgastadas e até anacrônicas, e mais sobre o seu entendimento e potencial heurístico. Acredito ser nesse contexto do “entendimento” que podemos apreender os aspectos basilares da invenção freudiana e das transformações que se fizeram, e se fazem, necessárias para garantir o processo psicanalítico, dadas certas particularidades inerentes a determinados contextos histórico-temporais e configurações psíquicas.

Tributária da ciência do papel e lugar da sedução na histeria e dos elementos de sugestão contidos na hipnose, a situação analítica se instaura como invenção freudiana para acolher e conter a primeira (a sedução) pretendendo neutralizar os efeitos da hipnose (como condição da liberdade do analisando). *O enquadre, mesmo que não definido explicitamente nestes termos por Freud, se estabelece como moldura para o espaço-tempo da sessão analítica.* Contempla classicamente a posição deitada do analisando, a não visibilidade do analista, assim como a regra básica que propõe a paradoxal associação livre e atenção flutuante. Paradoxal na medida em que sabemos de sua impossibilidade.

No entanto, mais do que uma simples moldura, ele surge como *condição de possibilidade do processo analítico*, condição para emergência da transferência e o conseqüente embate com as resistências no novo cenário ali criado.

Joel Birman aponta o fato de que a leitura crítica do dispositivo da hipnose por Freud “tocou o dedo na ferida da dimensão do poder que estaria presente no dispositivo da hipnose, mediante o qual se materializaria a experiência da influência”. Nela não se punha apenas a assimetria necessária, mas os dois indivíduos inscritos na cena da hipnose deveriam ocupar posições diferentes e ser hierarquicamente desiguais. Portanto, a funcionalidade terapêutica do dispositivo da hipnose supunha uma evidente relação de poder entre as figuras do médico e do doente, que traçavam as linhas de força do dito dispositivo.

Estaremos livres da sugestão e da sedução? De que modo esta última, reconhecida por Freud junto com a castração e a cena primária como elementos inerentes e primordiais da constituição da subjetividade humana, se manifesta no nosso fazer cotidiano? A teorização do narcisismo outorgou novas roupagens à sedução e abriu o caminho necessário à análise da contra-transferência e resistências do analista, que podem constituir, no dizer dos Barangers, baluartes existenciais em face do novo. A seguir, Freud propõe um olhar mais acurado sobre o traumático, o não representado e o irrepresentável. Uma nova tópica se esboça para reordenar as novas descobertas, novas defesas mais drásticas (clivagem, recusa) diante dos conflitos com a realidade, a pulsão e os objetos, que tornarão mais complexos os processos de simbolização que até então pareciam garantidos pela existência do recalque e do processo secundário. Estabelece as bases do que será nossa *clínica atual e do atual.*

Há tempos que alguns dos grandes pensadores da psicanálise vêm-nos alertando sobre os limites da palavra e do simbólico: Ferenczi, Winnicott, por uma vertente, Lacan e Bion, por outras; assim como as interessantes propostas de Marty e sua escola.

Por outro lado, Green (2017/2001), ao falar do duplo limite (dupla fronteira), focando nas fronteiras interior-exterior e Inc. Prcs. - Cs., formula de modo indissociável o par pulsão-objeto. Essa proposição é solidária das noções de holding, para Winnicott; violência primária, para Pierra Aulagnier; reverie, para Bion; implante do significante enigmático, de Laplanche e desenvolvida por Bleichmar.

A psicanálise contemporânea cada vez mais foi ampliando e compreendendo o papel do objeto, do outro, como significativo na constituição da subjetividade e nos processos de simbolização. Embora haja diferenças no modo de compreender o lugar do outro nas diferentes teorizações, com consequências para o exercício da clínica, é indiscutível que a situação analítica é concebida como campo de forças intersubjetivas (Baranger). A noção de transferência-contratransferência, sem perder sua força, alarga seu sentido. Falamos no novo, na neogênese. Como corolário, o analista passa a ocupar um lugar não apenas de suporte transferencial, mas sua presença e função enquanto objetos parecem ser privilegiadas em muitos momentos, em detrimento da dimensão interpretativa. Ao introduzir de modo indissociável o outro, introduzimos uma metapsicologia da presença que estabelece a temporalização do vínculo como elemento central na regulação do par pulsão-objeto e dos afetos. Tempo e espaço ganham uma dimensão concreta na dinâmica de presença-ausência, ritmos, intrusão/omissão. Isso não deixa de ressignificar o enquadre e a dimensão ética contida no encontro analítico, já que, como objeto, o analista não apenas metaforiza o objeto primário no horizonte da situação analítica. A dimensão ética ganha complexidade com as noções de holding, reverie e ato do analista, estando presente no fundamento do contexto do enquadre e escuta analítica como elemento constitutivo indissociável da associação livre, da atenção flutuante e do modelo da abstinência como desenvolvidos por Freud.

Mas esse outro que a psicanálise contemporânea foi introduzindo não se restringe apenas ao semelhante, como tão enfatizado nos trabalhos que analisam o vínculo mãe-bebê e as primeiras e mais arcaicas contribuições aos processos de simbolização. A temporalidade na chave de Aión (como desenvolvida por Puget) carrega a ideia de que o que acontece e acontecerá não tem nada a ver com causalidade determinística.

Aqui o que é importante são os novos caminhos que emergem da linha e que são dotados de uma qualidade específica: por um lado, perde apoio o passado e, por outro, dá origem à incerteza sob a forma de uma angústia particular que depende do que é intrinsecamente novo, um estranho.

Essa perspectiva, dirá a autora, introduz uma experiência de ameaça, na qual o sofrimento se deve também à perda da possibilidade de prever, de antecipar o futuro, o que em algumas circunstâncias sustenta a ilusão de que o futuro não trará nada desconhecido.

Território no qual o acontecimento pode antecipar ou gerar o trauma social, no qual a incerteza pode cercear a esperança, criando a ideia de que o novo jamais acontecerá. Interrompe-se a capacidade de sonhar e desejar. Entre o campo da incerteza absoluta em face das catástrofes, miséria, pandemia, vulnerabilidade social, racismo, fundamentalismos etc., sem ancoragem em algumas certezas éticas e morais, o colapso narcísico desorganiza qualquer possibilidade de esperanças sobre as mais diversas formas de depressão, e reina a anedonia.

A liberdade do analisando testemunhada por Freud na passagem da sugestão hipnótica para o modelo de análise da transferência emerge como proposta ética fundamental. As novas descobertas e formulações em torno do lugar do analista a partir das ideias de holding, manejo e reverie trazem novos desafios éticos, que devem dialogar com a tese freudiana acima apresentada.

Dado que a pessoa e presença do analista contribuem na constituição do campo, derivamos daí a urgência de uma reflexão em torno da especificidade ética na clínica atual.

Os trabalhos no campo da psicossomática psicanalítica, propostas de intervenção oriundas de teorias vinculares, grupos de trabalhos com autismo e intervenção precoce, trabalhos com famílias, intervenções clínicas em escolas, comunidades etc. nos levam a defender a ideia de que não estamos em face de uma psicanálise aplicada, mas da constatação da existência de inúmeros dispositivos teóricos e clínicos nos quais a escuta psicanalítica acontece e favorece processos de transformação subjetiva. Espaços nos quais o sujeito é produzido, mas, para que nele se aloje a esperança, é preciso que seja produtor, sujeito da existência.

André Green organizou, em 2006, uma coletânea, recentemente publicada, *Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique* (Os novos caminhos da terapia psicanalítica), da qual participa um expressivo número de renomados analistas do cenário internacional e na qual são apresentadas

inovações no campo da clínica e uma discussão sobre os fundamentos que as sustentam.

Isso faz André Green propor duas matrizes para o enquadre: uma constante, dialógica (intersubjetiva), constituída pela associação livre do paciente e atenção flutuante/neutralidade do analista, lugar dos processos transferenciais e contratransferenciais, núcleo da ação analítica, tendo como agente o par analítico. A outra, variável, correspondente às disposições materiais, frequência, posição do paciente etc., oferece suporte material ao processo.

Talvez possamos outorgar *ao atual*, em sua polissemia, um lugar singular junto à matriz dialógica e à matriz formal variável.

Após esta breve passagem por alguns aspectos do enquadre, retornemos às temporalidades e suas múltiplas expressões.

O enquadre clássico é criado para nos permitir um isomorfismo com a função regressiva do sonho. Podemos nos indagar, sem medo de infidelidade ou profanação, mas como estímulo para nossa conversa: perante a urgência da presença, do atual, do não constituído, dos traumatismos narcísico-identitários, do imediatismo e aceleração do tempo, da fragilidade dos vínculos, qual ou quais serão as coordenadas do enquadre para o espaço-tempo da sessão capazes de conter e permitir o fluir da nossa tarefa de analistas e a emergência do sujeito como produtor de seu próprio acontecer no mundo, e não apenas como sujeito assujeitado.

Para isso devemos aprofundar ainda mais a pesquisa sobre as temporalidades.

O que segue procura recuperar algumas propostas que considero cruciais para o lugar da temporalidade e da história no processo de análise como tentativas de uma aproximação ao impacto do que poderemos chamar de enquadre interno do analista.

## Temporalidades na clínica

O ser humano é impensável fora da experiência do tempo.

Como se inscreve a dimensão temporal e como historicizamos nossa experiência? A heterogeneidade do psíquico está presente na transferência, que obedece a uma heteroconta, ou seja, uma rede mnemônica complexa, irreduzível a uma única modalidade de funcionamento temporal. Os temas formulados por Freud, a diferença entre os regimes temporais dos processos primário e secundário, o modelo regressivo dos sonhos, o *après-coup*

e a dimensão do pulsional que rege o desejo e compulsão à repetição são modalidades que, na psicanálise, questionam a ideia do tempo vivido como uma continuidade subjetiva. A multiplicidade e complexidade dos objetos mnemônicos descobertos pela psicanálise, os ritmos inerentes aos encontros e desencontros com o semelhante, o registro dessas experiências, a complexidade do par de objetos e o potencial do traumático e do irrepresentável constituem o cenário com o qual trabalhamos propondo a experiência psicanalítica da clínica como um campo fascinante para o estudo das diferentes apreensões da temporalidade (Freud, 1937/1975a).<sup>4</sup> Não tendo condição de me alongar, remeto os mais interessados a um trabalho que publiquei na revista *Calibán* (Tanis, 2013).

Comentando a proposta benjaminiana da história, diz Didi-Huberman:

A revolução copernicana da história consistiria, em Benjamin, em passar do ponto de vista do passado como um fato objetivo para o passado como um fato da memória, como fato em movimento, fato psíquico tanto quanto material ... A novidade radical dessa concepção é que ela não parte dos eventos passados em si mesmos (uma ilusão teórica), mas do movimento que os lembra e os constrói no conhecimento atual do historiador. (2011, p. 155)

“Articular historicamente o passado não significa saber como foi. Significa tomar posse de uma memória enquanto brilha no momento do perigo” (Benjamin, 1985/1996, p. 224). Aqui está, para Benjamin, o potencial presente do passado,<sup>5</sup> assim como para nós, psicanalistas, *o potencial do infantil pulsa na situação transferencial. Esse momento de*

4 Freud diz: “Dentro do id não é encontrado que corresponde à representação do tempo nenhum reconhecimento de um curso temporário ou ... qualquer alteração do processo psíquico pela passagem do tempo ... Só é possível discerni-los como passado, desvalorizá-los e tirar sua doação energética quando se tornaram conscientes através do trabalho analítico, e esse é o efeito terapêutico do tratamento analítico” (1933/2006, p. 69). Vê-se, nessa passagem, que é nessa transformação – que podemos chamar de temporalização e historicização – que residirá, em grande medida, o potencial de mudança e rearranjo que pode ser providenciado pelo processo analítico.

5 Portanto, o que chamamos de historicização obedece, desde uma perspectiva metapsicológica, a mecanismos psíquicos complexos nomeados por diferentes autores: à retranscrição do traço, ao processamento psíquico dos “sinais da percepção”, produtos de experiências traumáticas que não podem ser metabolizados (Laplanche, 1988), para a transformação da experiência inscrita na experiência (Bleichmar, 2011). Esse trabalho rico e complexo que ocorre na situação de análise contribui para a complexidade sintática, situando apenas os elementos simbólicos, mas também os aspectos icônicos e circunstanciais explicados por Peirce, que estão presentes na vida psíquica do ser humano (Tanis, 2009).

*perigo metaforiza para nós, analistas, tanto a experiência transferencial nas configurações neuróticas quanto o potencial traumático do atual, do inscrito não metabolizado que direciona a compulsão para a repetição e a angústia impensável.*

Esquemáticamente, podemos organizar as perspectivas presentes na psicanálise em dois grandes grupos (Gondar, 2006):

a). Por um lado, temos perspectivas que se concentram no processo, na continuidade temporal, em um desenvolvimento progressivo que pode ter sido detido, congelado ou, em abordagens mais recentes, não constituído;

b) Por outro, temos as abordagens que se concentram no momento, na descontinuidade e na ruptura da constituição da temporalidade e rearranjo a posteriori (après-coup).

Ambos estão presentes no pensamento freudiano, mas alguns autores privilegiam certos aspectos. O primeiro, dominante no desenvolvimento da psicanálise inglesa, reconhece um ordenamento evolutivo da psique, com processos de estagnação que, através da intervenção analítica, poderiam recuperar o fluxo livre de circulação temporal. Embora existam diferenças entre os autores (por exemplo, entre Klein/Bion e Winnicott), temos a impressão de que a ideia de desenvolvimento tem um espaço importante para todos. O segundo modelo tem como principal premissa a ideia freudiana de *nachträglich*, traduzida por Lacan, em 1953, como après-coup, e retomado com grande ênfase por Laplanche, que contribuiu para transformá-lo em uma marca da psicanálise francesa. Este mecanismo não é confundido com uma fantasia retrospectiva – caracterizando-a sinteticamente, é um rearranjo a posteriori do potencial inscrito em T1 a partir de um segundo momento T2; está ligado às primeiras ideias em torno dos dois tempos traumáticos já delineados no “Projeto” (Freud, 1895/1975b). Eu não vou poder lidar com eles em detalhes.

## Clínica

Quero oferecer um exemplo clínico, pouco trivial, que nos permitirá abordar uma modalidade de temporalização terceira que, embora localizada no primeiro grupo, ao se concentrar no processo e na continuidade, estabelece, a partir de um movimento criativo, uma discriminação espaçotemporal. Um menino de 6 anos, a quem chamaremos João, está em análise comigo, quando um familiar próximo é acometido por uma infecção grave e, em

poucos dias, morre. Sua família encontra consolo para essa tragédia numa perspectiva religiosa do fato. O paciente pequeno continua regularmente as suas sessões. Joga com os objetos na sua caixa e também reorganiza os móveis na sala. Trabalhamos muito, armando e desarmando a organização do espaço físico, movendo móveis, indo para cima e para baixo. Com dificuldade, esses movimentos mostram algum significado, que se estende por diversas sessões. Às vezes, parece que estamos construindo uma casa, colocando em seu interior o material que temos para as bricadeiras: cadeiras, travesseiros etc. Em outras ocasiões, ele traz alguns biscoitos e algo para beber durante a sessão, suco ou um refrigerante – parece que estamos acampando ou viajando. Um dia, tenho a impressão de que estamos construindo uma nave espacial, mas não digo nada ao pequeno paciente. Na sala onde trabalhamos, há um quadro-negro. Um dia ele desenha estrelas e, calmamente, mas feliz, diz: “Bernardo, vamos encontrar Flávia [referindo-se à pessoa que morreu], que está em uma estrela distante”. Outorgar a essa criança tempo e espaço, sem saturação com interpretações, permitiu-lhe construir uma representação de ausência, distância, morte. Uma dimensão de esperança que teve lugar no contexto da experiência analítica?

Talvez uma imagem que lhe foi oferecida previamente por seus pais, mas ele não tinha um registro próprio. Havia uma ferida aberta, um processo de luto em jogo e a necessidade de dominar um carinho que até então tinha sido difuso.<sup>6</sup> Penso que essa experiência, extremamente emocional para ambos, pode nos ensinar algo sobre a noção de temporalidade e esperança com a qual trabalhamos e que podemos reconhecer a posteriori. Conceber o espaço analítico em termos de sua potencialidade transicional abre a perspectiva de um evento criativo, que temporaliza o vivido ainda à espera de uma simbolização – uma forma cheia de significado por meio da qual o tempo é reordenado. João assume, de certa forma, a sua nostalgia, que se materializa em uma jornada simbólica para o espaço em busca da perda. Ele procura, em última instância, que o espaço-tempo seja uma subjetividade que possa evitar o risco de uma melancolia da perda. Três ideias do filósofo Henri Bergson permitem uma abordagem interessante ao pensamento teórico e clínico de Winnicott: a) O tempo é criação. O que é mais vital no desenvolvimento é a continuada e imperceptível mudança de

6 Do ponto de vista estético (Pareyson, 2001), chamaríamos essa experiência de “formatividade”, focando nos processos criativos através dos quais se forma uma forma, a partir de elementos de experiência intuitivos ou pouco organizados.

forma, a permanente criação do novo; b) A duração, como um processo de diferenciação, não envolve um encadeamento sucessivo entre passado, presente e futuro, mas um processo no qual algo que estava em uma dimensão virtual potencial vem a ser realizado no presente, para ser atualizado; c) A duração é o que nos permite escapar da determinação pura e simples. Existe o estímulo, mas, em vez de sua resposta imediata, há uma distância, uma variedade de indeterminação, uma experimentação de possibilidades; esta vez possibilita que o ser vivo escolha criativamente uma resposta entre aquelas que são possíveis. A proximidade da proposta de Bergson com o que foi experimentado na história anterior, em termos de timing, é surpreendente (Gondar, 2006).

Como conceber o paradoxo fenomenal de inscrições significativas, traumático-experienciais, não históricas, intemporais, condenadas à repetição pelo relacionamento com a história que as constitui? Trata-se de criar as condições de uma recomposição ou simbolização para a qual não foi possível encontrar possibilidades metabólicas em outro momento (Bleichmar, 2011).

Reconhecemos a multiplicidade e diversidade de registros temporais de uma história inscrita, traços de memória que obedecem a um regime pulsional indissociável, *o que torna a temporalidade um componente encarnado, não transcendental, da nossa condição subjetiva*. No entanto, para o tempo de diferentes escalas inerente à constituição do psíquico e as diferentes expressões de sofrimento humano poder encontrar seu lugar no contexto analítico serão decisivos os ritmos e alternâncias entre presença e ausência, e o tempo de espera, corolário da experiência de ilusão e fenômenos de transição, aqui a esperança novamente pode encontrar sua morada. Reconhecer as dimensões diversas de Chronos, Aión e Kairos. Eis aqui novamente o enquadre e sua vinculação às temporalidades!!!

Concluindo, pensamos que o processo de constituição do sujeito psíquico passa cada vez mais a ser percebido como processo heterogêneo de temporalização, representação e simbolização no qual se articulam no par pulsão-objeto, o intrapsíquico e o intersubjetivo. Os casos-limite transformaram-se nos novos quadros paradigmáticos e compreendem a clínica psicossomática, adições, as falhas no campo da representação, a clínica dos traumatismos, compulsões, distúrbios alimentares etc., promovendo a exploração/expansão dos limites da analisabilidade e das possíveis variações de enquadres.

## Como olhar para o enquadre hoje?

A passagem do dispositivo da hipnose para o da transferência e do enquadre clássico que comporta análise contemplava uma crítica ao abuso do poder e da hierarquia médica, ao assujeitamento. Hoje, reina uma despersonalização na cultura de massas tardia, e o indivíduo não é mais apenas um trabalhador, uma engrenagem, mas um clicador de likes nas redes sociais, atomizado e sujeito a uma temporalidade acelerada da tecnologia que visa controlá-lo. Encontra-se alienado de uma narrativa de si e de uma história coletiva.

Na atualidade as formas de poder são mais difusas. Será que a desalienação produzida pela análise da transferência, o mote da liberdade do sujeito, abriria espaço para um modelo suplementar? Hoje, o enquadre, além de depositário de aspectos simbióticos (Bleger), poderia ser apresentado como depositário de aspectos de contenção da decomposição do laço social e das consequências ainda imprevisíveis da aceleração do tempo? Um espaço no qual a apropriação subjetiva possa ter lugar. Talvez possamos pensar na esperança como saída da alienação, do assujeitamento, para um estado de se tornar agente, sujeito do próprio destino.

O grande desafio da psicanálise contemporânea tem sido aprimorar a abordagem teórico-clínica para dar conta desse funcionamento psíquico. As respostas talvez não sejam unânimes.<sup>7</sup>

Destacar a atenção que devemos devotar à dimensão heterogênea das temporalidades, transformações dos vínculos, e ao lugar do atual na clínica psicanalítica não implica uma crença ingênua na realidade ou num retorno à verdade material no sentido da possibilidade de recuperar os fatos; por outro lado, também não se trata de uma nova narrativa ad hoc, tributária da ideia do passado incognoscível, totalmente desconectada das marcas que, de diferentes maneiras, permanecem inscritas na psique. Nem objetivismo nem idealismo, o esforço de simbolização aponta para o reconhecimento histórico-social da dimensão traumático-pulsional, da polissemia do atual e das possibilidades de melhor adequação do enquadre para promover a

7 Por um lado, a inquestionável atenção dada à simbolização, devido à sua relevância clínica, ligada às pesquisas psicanalíticas das patologias do irrepresentável e a ênfase no modelo do sonho e da reverie. Por outros, certos manejos e adaptações do enquadre cujo elemento fundamental e sua função simbolizante, no dizer de Roussillon, serão garantidos pela adequação a cada contexto.

viabilidade criativa da experiência analítica nos diferentes contextos para que o sujeito/esperança possa advir.

**De la esperanza, de la dimensión constitutiva del sujeto en las temporalidades y de lo actual en la clínica psicoanalítica**

Resumen: Este texto busca identificar vectores representativos de las principales aproximaciones sobre las temporalidades en el pensamiento clínico psicoanalítico. Amplía la reflexión sobre las relaciones entre tiempo, historia, memoria y simbolización presentes en el psicoanálisis contemporáneo. El autor argumenta que la esperanza emerge en la medida en que el sujeto se reconoce como constituido por las diferentes temporalidades que lo habitan. Así, ele propone que el manejo clínico de la esperanza se basa en la escucha atenta de la narrativa del paciente, en la identificación transferencial de las temporalidades que lo constituyen y en la creación de un espacio en el que el paciente pueda reconocerse como autor de su propia historia. La sensibilidad a los diferentes tiempos de la clínica permite una articulación del traumático en una red de simbolización, rescatando por la experiencia el valor del tiempo y la historia como elementos estructurantes de la subjetividad.

Palabras clave: esperanza, trauma, simbolización, temporalidad, transferencia

**Hope, the constitutive dimension of the subject in its temporalities and the actual unconscious in psychoanalytical clinic**

Abstract: This work seeks to identify representative vectors of the main approaches to temporalities in clinical psychoanalytical thought. It expands the reflection on the relationships between time, history, memory and symbolization present in contemporary psychoanalysis. The author argues that hope emerges as the subject recognizes himself as constituted by the different temporalities that inhabit him. Thus, he proposes that the clinical management of hope is based on careful listening to the patient's narrative, on the transferential identification of the temporalities that constitute him and on the creation of a space in which the patient can recognize himself as the author of his own story. Sensitivity to the different times of the clinic allows for an articulation of the traumatic in a network of symbolization, rescuing through experience the value of time and history as structuring elements of subjectivity.

Keywords: hope, trauma, symbolization, temporality, transference

**De l'espoir, de la dimensión constitutive du sujet dans les temporalités et du inconscient actuelle dans la clinique psychanalytic**

Résumé : Ce travail vise à identifier des vecteurs représentatifs des principales approches des temporalités dans la pensée clinique en psychanalyse. Il élargit la réflexion sur les relations entre temps, histoire, mémoire et symbolisation présentes dans la psychanalyse contemporaine. L'auteur soutient que l'espoir émerge dans la mesure où le sujet se reconnaît comme constitué par les différentes temporalités qui l'habitent. Ainsi, il propose que la prise en charge clinique de l'espoir repose sur une écoute attentive du récit du patient, sur l'identification transference des temporalités qui le constituent et sur la création d'un espace dans lequel le patient peut se reconnaître comme auteur de sa propre histoire. La sensibilité aux différents temps de la clinique permet d'articuler le traumatique dans un réseau de symbolisation, en sauvant par l'expérience la valeur du temps et de l'histoire en tant qu'éléments structurants de la subjectivité.

Mots-clés : espoir, traumatisme, symbolisation, temporalité, transfert

**Referências**

- Agamben, G. (2005). *Infância e história* (H. Burigo, Trad.). Editora da UFMG.
- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (V. H. Nicastro, Trad.). Argos.
- Benjamin, W. (1996). Sobre o conceito de história. In W. Benjamin, *Obras escolhidas* (Vol. 1, 222-234). Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1985)
- Bleichmar, S. (2011). Ampliar os limites da interpretação numa clínica aberta ao Real. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(1), 179-191.
- Deleuze, G. (2005). *Lógica del sentido*. (Trabalho original publicado em 1969)
- Didi-Huberman, G. (2011). *Ante el tiempo: Historia del arte y anacronismo de las imágenes* (O. A. Oviedo Funes, Trad.). Adriana Hidalgo. Evans-Pritchard.
- Freud, S. (1975a). Construções em análise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 285-309). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1975b). Proyecto de psicología. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 1, 323-441). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2006). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 13-177). Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Gondar, J. (2006). Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise. *Ágora*, 9(1) junho. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100008>.

- Green, A. (2017). “O duplo limite”. In A. Green, *A loucura privada. Psicanálise de casos-limite*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1982)
- Laplanche, J. (1988). Traumatismo, tradução, transferência e outros trans(es). In J. Laplanche, *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (D. Vasconcellos, Trad., pp. 84-96). Artes Médicas.
- Pareyson, L. (2001). *Os problemas da estética*. Martins Fontes.
- Puget, J. (2005). El trauma, los traumas y las temporalidades. *Psicoanálisis*, 27(1/2), 293-310.
- Puget, J. (2010). Os dispositivos e o atual. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(2), 35-43.
- Rocha, Z. (2007). Esperança não é esperar, é caminhar. Reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 10(2), 255-273.
- Tanis, B. (2009). Somos todos tradutores. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(1), 33-40.
- Tanis, B. (2013). Tempo e história na clínica psicanalítica. *Calibán*, 11(1), 73-92.

Bernardo Tanis  
bernardo.tanis@gmail.com

Recebido em: 21/4/2024

Aceito em: 22/4/2024